

Como se numa sala entrasse um pássaro*

“Aprendi por mim e em mim que a angústia é uma linguagem: ela expressa a rebelião da vontade do ser contra tudo o que o oprime ou ameaça anulá-lo.”

Osman Lins

Maria Lucia Guimarães de Faria*

Num contexto assolado pela crise sanitária que deprime o mundo, magnificada, no Brasil, pela situação política desoladora promovida por um governo totalmente desvinculado de compromissos sociais, culturais, científicos, artísticos e humanitários, a revista *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea* traz a público seu vigésimo quinto número, dando mostras de grande resistência, tenacidade e capacidade de luta. Apesar do imenso descrédito lançado sobre as universidades federais, do desconhecimento radical de tudo que fazemos e somos e da revoltante falta de investimento em pesquisa, em particular nas áreas de Humanidades, nós, professores, continuamos lecionando, escrevendo, pensando, publicando e desenvolvendo estudos da maior relevância intelectual e humana.

Uma amostragem desse ininterrupto e – a despeito da truculência, grosseria, despreparo e desinteresse do poder instituído

* Este título é retirado de uma frase de Osman Lins: “A maior força do escritor no mundo é ser escritor. É como se numa sala entrasse um pássaro”. Esta citação e a que serve de epígrafe ao texto estão em seu livro *Evangelho na taba*, publicado pela Editora Sumus, de São Paulo, em 1979, respectivamente nas páginas 148 e 131.

** Professora associada de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

– vitorioso trabalho coletivo pode ser conferida no volume que ora lançamos. Ensaaios, entrevistas e resenhas o integram. Lygia Fagundes Telles, Tatiana Salem Levy, Elvira Vigna, Bernardo Kucinsky, Conceição Evaristo, Chico Buarque, Per Johns e Paulo Henriques Britto estão entre os escritores visitados por nossos ensaístas. Carlos Newton Júnior, Itamar Vieira Júnior, Eurídice Figueiredo e Mário Palmério foram os escolhidos pelos resenhistas. Que não cause espanto o nome de Mário Palmério. Trata-se do relançamento de seu *Vila dos confins*, bastante oportuno, por sinal, para se discutir uma questão ultrapassada que a mentalidade golpista, no entanto, ressuscitou: o voto impresso, que tão alarantemente se prestou a toda espécie de fraude e manipulação na história do Brasil.

O espectro temático coberto pelos ensaios é amplo: a angústia existencial, a indissociabilidade da vida e da morte, o drama do estupro e a dificuldade de abordá-lo, os indelévels traumas provocados pela ditadura militar, o sofrimento do não lugar, a negritude e a diáspora negra, a imigração e a bastardia, o romance histórico, a contracultura, a experiência libertária. As questões são atuais, incômodas e nevrálgicas. A literatura, sempre atenta, sensível e participante, as acolhe, sonda e aprofunda. Os estudos literários, com infalível faro crítico e bem-vinda contundência exegetica, as salientam e põem em pauta, convidando e concitando o público leitor a reflexões, revisões e tomadas de posição. A mesma problemática político-social em sua relação com o ofício do escritor é ainda pauta das animadas entrevistas com os escritores Antônio Torres, Simone Brantes e Laura Liuzzi.

Ensaaios

Abrindo a sequência de ensaios, Alexandre Bruno Tinelli divulga, em “Nada será como antes, Ivan: notas sobre ‘O primo’”, de

Paulo Henriques Britto”, uma face pouco conhecida do poeta e tradutor carioca, ao estudar o conto que faz parte do volume *Paraísos artificiais*, publicado em 2004. Prestes a internar-se num colégio de padres, o provinciano protagonista Ivan é exposto à “estranha vibração” – para citar a música dos *The Mamas & the Papas* – da contracultura carioca dos anos 1970, rebelada contra a ditadura militar e atravessada pela forte experiência do desbunde, pelos ecos da geração *beatnik* e pelo impacto libertário da tropicália, entrelaçamento explorado pelo ensaio. A música, aliás, é o fio condutor da atilada interpretação do estudioso, verdadeira travessia musical. Demonstrando, inicialmente, a simetria entre o enredo do conto e as canções “Nuvem cigana” e “Cravo e canela”, de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, Tinelli termina por comprovar que a música não tem presença incidental no texto, mas constitui o eixo narrativo e proporciona o plano estrutural do conto.

Carolina Quintella, em “‘A caçada’: a estruturação mimético-metafórica em Lygia Fagundes Telles”, estuda o conto, integrante do volume *Antes do baile verde*, sob o signo do inextricável enlace da vida e da morte. Inicialmente, a ensaísta lança mão da tese de Ricardo Piglia para estabelecer que o relato aparente guarda um outro relato em seu interior, recôndito e velado, que sorratamente emerge graças a uma metamorfose textual, rompendo um suposto equilíbrio e abalando a noção de verossimilhança. A partir dessa base, explorando as noções de mimesis da produção, representação-efeito e mimesis totalidade, propostas por Luiz Costa Lima, ela perspicazmente escruta as várias dobras e camadas textuais de que se compõe o enigmático conto, demonstrando que uma leitura superficial ou explicação simplificadora serão incapazes de corresponder ao elaborado enredo dramático, exemplo da esmerada tessitura da escritora paulista.

No título do seu ensaio, “Escrever contra o silenciamento do estupro: *Vista chinesa*, de Tatiana Salem Levy”, a autora Eurídice Figueiredo já esclarece o objeto de estudo e a meta principal do trabalho. É preciso falar sobre o estupro, enfatiza o ensaio, temática duplamente obstruída, pela recusa dos homens em reconhecê-lo e pela dificuldade das mulheres em lembrá-lo. A verbalização, contudo, é imprescindível, não apenas a modo de elaboração pelas vítimas, mas também como forma de visibilização do problema, “porque as meninas têm de saber, como já advertira Virginie Despentes”. A grande maioria das escritoras brasileiras que tematizam o estupro o fazem, destaca Eurídice, pelo viés do ficcional. Forte, vertiginoso, ousado, *Vista chinesa*, por outro lado, baseia-se em fatos reais, estabelecendo o que Eurídice, na esteira de Evando Nascimento, considera “alterficção”, porque se funda numa identificação entre a autora do romance e a amiga que vivenciou a experiência traumática, identificada numa nota final.

Em “Do clássico ao contemporâneo: a atualização do romance histórico através de *Leite derramado*, de Chico Buarque”, Herbert Sousa de Araújo defende a tese de que a obra do escritor carioca pode ser considerada um romance histórico. Levantando inicialmente a teoria de Lukács, com as características definidoras do gênero, e confrontando-a com as ideias de Jameson, para quem a contemporaneidade seria incompatível com as exigências do romance histórico, Araújo finalmente aporta em Perry Anderson, que se distingue por sustentar que o gênero não só não desapareceu na atualidade, como se renovou e expandiu, a partir de relevantes alterações na forma. À luz do pensamento do teórico inglês, Araújo lê passagens de *Leite derramado* que comprovariam a sua tese, contrapondo-se ao próprio autor do romance, que declarou, em passagem pela FLIP, não concebê-lo como um romance histórico.

Leonardo Augusto Bora estuda o romance *Por escrito*, de Elvira Vigna, sob a perspectiva do “não lugar”, em consonância com o conceito de Marc Augé, atopia que, segundo o ensaísta, define a protagonista-narradora e atinge o próprio leitor. “*Vestido de noiva rasgado: acordes intertextuais em Por escrito*, de Elvira Vigna” deixa patente de imediato o fio metalinguístico da intertextualidade que norteará o estudo e que explicita, no diálogo “especular e especulativo” com a famosa peça de Nelson Rodrigues, um não lugar, “um espaço de indefinição”, “uma zona conflituosa marcada por estilhaços”. A aparente casualidade da obra não ilude o ensaísta, atento ao trabalho com a forma que revela uma escritora consciente do seu fazer artístico, manifesto na escolha do léxico, na experimentação que subsidia o caráter farsesco da narrativa e na assídua ironia que atravessa o romance, o qual, ao tematizar o próprio escrever, não isenta a si mesmo da provocação irônica.

“*As aves de Cassandra* de Per Johns: uma ficcionalização bastarda”, de Leonardo Tonus, é um estudo percuciente do primeiro romance de uma trilogia autoficcional do autor carioca de ascendência dinamarquesa, de que também fazem parte *Cemitérios marinhos às vezes são festivos* e *Navegante de opereta*. Concebido a partir do tema da imigração e investigado pelo ensaísta sob o prisma da bastardia, o romance se constrói numa superposição de tramas, motivos e modos narrativos, que lhe confere uma estrutura labiríntica, instável e híbrida, perfeitamente ajustada, frisa o intérprete, ao “mal-estar identitário” e à orfandade da “des-herança” tematizados. A bastardia, explica o estudioso, é uma noção operacional crítica e dinâmica, que evidencia diferentes procedimentos de inscrição do sujeito dentro de cenários permanentemente reconfigurados pela (des)memória, capazes de abrigar “um perpétuo autoengendramento de si”. Na

jornada exegética, as ideias de ficcionalização, autoficcionalização e reficcionalização são postas em pauta a serviço da sondagem de um “romance fugidio”, nas palavras do intérprete, em que as diversas modalidades discursivas ocasionam uma incessante tensão narrativa.

No ensaio “História de acordar casa-grande: a ancestralidade e a metapoesia de Conceição Evaristo”, Letícia Nery escolhe três poemas da autora mineira – “Vozes-mulheres”, “Para a menina” e “De mãe” – a fim de demonstrar que a romancista, poeta e ensaísta conjuga negritude e diáspora negra por intermédio de seu conceito de escrevivência, que visa retomar uma ancestralidade longamente silenciada. Se “ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas”, diz Evaristo, hoje lhes pertencem também a letra e a escrita, que, via escrever, perfazem um *continuum* com a vida, estabelecendo uma relação entre o fazer poético e a sua existência como mulher negra. Dentro desse quadro, Letícia Nery defende que a metapoesia desempenha papel crucial, pois o consciente trabalho com a linguagem e a permanente reflexão sobre a poesia articulam negritude, participação política e ancestralidade.

Fechando a série de ensaios, “As múltiplas vozes na constituição de *K.: relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski”, estudo conduzido por Thiago Sampaio Pacheco, investiga a proliferação de narradores do romance em sua relação com a forma social, conciliando fenômeno literário e interpretação político-histórica. Nessa equação, a contribuição da literatura é única, porque, mais que qualquer registro documental, ela logra, afiança o ensaísta, “mobilizar o *pathos*”, ensejando ao romancista, caso de Kucinski, “dizer de uma dor que não cabe nos limites do discurso jornalístico e/ou histórico”. Conforme desvela o ensaio, o romance adota uma forma lacunar isomorficamente compatível com o caráter inacabado da História.

As inúmeras vozes narrativas cumprem a meta de multiperspectivar o período ditatorial no Brasil. A normatização da violência como solução política, o suposto “nacionalismo” dos regimes ditatoriais, a manipulação das massas populares, o mito da pátria amada, a naturalização da barbárie são pontos essenciais que o romance levanta e o ensaio discute, num momento alarmante da política brasileira em que o fascismo, o conservadorismo, a impostura, o autoritarismo, o populismo barato se impõem como ameaças reais e concretas que precisam ser enfaticamente combatidas por todos os setores da sociedade.

Entrevistas

Na primeira entrevista, a doutoranda e mestre pela Universidade Federal de Alagoas, Vanusia Amorim, conduz um delicioso papo com Antônio Torres, durante o qual o escritor comenta seus memoráveis romances, a começar pelo triplo lançamento de *Um cão uivando para a lua*, *Os homens de pés redondos* e *Essa Terra*, no auge da ditadura militar. As condições em torno das obras, o momento politicamente perigoso, mas intelectualmente fértil, os encontros de escritores, as apresentações para estudantes, os acalorados debates, a despeito do clima de perseguição e das restrições impostas, são lembrados numa prosa viva, fluente, fácil e envolvente, que chega ao presente momento mostrando-se ainda afiada. O octogenário escritor, sempre disposto a acompanhar os novos modos e modas, não perdeu o bonde da História. Prova disso é não apenas o lançamento de seu décimo segundo romance, *Querida cidade*, mas a presença assídua em *lives*, adaptação moderna e pandêmica dos grandes auditórios de outrora para plateias repletas. Na descontração do papo,

entram ainda recordações musicais, traduções de seus romances para o francês, o inglês, o alemão, paralelos com a desastrosa cena política da atualidade, reflexões sagazes e até versos de seu conterrâneo amado, o poeta Castro Alves.

A segunda entrevista aconteceu por ocasião do IX Encontro do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro nos dias 11 e 12 de setembro de 2018. Maria Lucia Guimarães de Faria entrevistou as poetisas Simone Brantes e Laura Liuzzi, numa mesa bastante proveitosa que rendeu colocações argutas e relevantes das duas escritoras. O leitor poderá conferir, por escrito agora, a rica troca de ideias que se deu naquele momento já crítico do Brasil. Partindo do geral para o particular, a conversa se iniciou pelo cruzamento que deu título à edição do evento – “Poesia, prosa, política” – interessada em levantar a posição das poetisas a respeito das relações que conectam a literatura ao entorno político. Daí, enveredou-se pelas conexões da poesia com a cena contemporânea, insuflada pelos debates propiciados pelas questões raciais e de gênero. Num recorte a seguir mais específico indagou sobre possíveis traços distintivos da poesia que se pratica hoje e abriu espaço para que ambas falassem sobre seus percursos poéticos, desde a estreia em livro. Encerrando-se pelo detalhe técnico, o foco incidiu sobre o tratamento dispensado ao verso, seus cortes, quebras e cesuras.

Resenhas

Resenhando *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*, Ana Elisa Ribeiro ressalta a grande e variada quantidade de escritoras que a autora e pesquisadora Eurídice Figuei-

redo abarca em seu estudo. Dividido em cinco partes, o livro cobre discussões em torno de gênero, teorias feministas, decolonialidades, cânone, filiações, trânsitos, lesbianidade, negritude, estupro, tabus, sistema patriarcal e outras. A obra visa essencialmente mapear a produção feminina brasileira dos séculos XX e XXI, mas não negligencia as precursoras oitocentistas, fornecendo, tanto cronológica quanto tematicamente, um panorama robusto da incontestável presença feminina na história literária brasileira.

Hildeberto Barbosa Filho apresenta, com a resenha “201 sonetos”, os dois mais recentes livros do poeta pernambucano Carlos Newton Júnior. *Ressurreição* constitui-se inteiramente de sonetos de amor, valorizando os aspectos espiritual, mítico e metafísico e defendendo o sentimento amoroso como o grande sentido da vida. *Memento mori* devota-se à temática da morte, que assume a 1ª pessoa para falar em dicções diversas que vão do irônico ao mórbido. Mais do que coletânea de sonetos, contudo, os dois volumes se singularizam, como assinala o resenhista, pela organização estrutural e arquitetônica, que comporta uma progressão e conta com a estrita localização de cada poema.

O premiado romance *Torto arado* (Prêmio LeYa, 2018; Oceanos e Jabuti, 2020), de Itamar Vieira Júnior, é objeto da resenha de Liana Aragão Scalia. Introduzindo em linhas gerais a trama de efabulação do romance – que se passa numa comunidade quilombola – a resenhista aponta uma ou outra fragilidade da obra, mas se concentra essencialmente em realçar seus méritos e virtudes, desde a construção romanesca até as fundamentais discussões sobre as relações tóxicas decorrentes do machismo e a ainda praticada exploração de trabalho escravo em terras brasileiras. Gradualmente as mulheres vêm a ocupar o centro do poder, a sua forte ligação com

a terra é enfatizada, e é uma figura feminina, a entidade Santa Rita Pescadora, que assume a narração na última parte, momento de maior poeticidade da obra. A força literária do romance sublinha o seu compromisso político, focalizado pela autora da resenha desde o seu título: “*Torto arado é literatura engajada*”.

Encerrando o volume, Marco Aurélio dos Santos, em “Vícios eleitorais e luta política no sertão”, saúda o relançamento, pela Editora Autêntica, de Belo Horizonte, em 2019, do romance *Vila dos Confins*, de Mário Palmério, publicado originalmente em 1956. A par da qualidade literária da obra, o livro, em boa hora, demonstra o resenhista, traz revelador subsídio para uma reflexão sobre processos e práticas eleitorais altamente viciados e viciosos em diversos momentos da história do Brasil. Com o estarrecedor retorno do obscurantismo que contamina o cenário político atual e suas espúrias reivindicações de retomada do voto impresso, entre outras igualmente clamorosas, a discussão se mostra, mais do que oportuna, urgente.